



1. COMO TUDO PODERÁ TER COMEÇADO

*Alguns exibem aquela fina sagacidade do olfacto,
E lêem com tal discernimento no porte
E na figura do homem, os seus secretos intentos
Que muitas vezes devemos a nossa segurança a um dom
Que não se pode ensinar e nunca poderemos aprender.*

COWPER¹

Através da erva alta da planície avança um pequeno grupo de pessoas, um bando nu e selvagem. São sem dúvida seres humanos como nós, e a sua compleição em nada difere da do homem actual. Trazem na mão lanças de ponta de osso, alguns têm mesmo arcos e flechas, mas há no seu comportamento algo que não se encontra sequer nos selvagens do tipo cultural mais atrasado dos dias de hoje, algo que um observador moderno interpretaria como um traço animalesco. Estes homens não são os soberanos da criação, que lançam ao mundo um olhar destemido; em vez disso, os seus olhos escuros vagueiam ansiosamente enquanto viram a cabeça para um lado e para o outro, espreitando de tempos a tempos por cima do ombro

¹ Some show that nice sagacity of smell, / And read with such discernment in the port / And figure of the man, his secret aim / That oft we owe our safety to a skill / We could not teach and must despair to learn. COWPER. (N. T.)

num gesto temeroso. Fazem lembrar veados, animais acoissados que têm de estar sempre alerta. Passam ao largo dos arbustos e dos tufos de vegetação mais alta que salpicam a estepe, onde facilmente se pode emboscar um grande predador, e, a dado passo, quando um antílope abandona o seu esconderijo com uma sonora restolhada, eles estremeçam num sobressalto nervoso, empunhando as lanças a toda a pressa para se defenderem. Momentos depois, quando percebem que se trata dum animal inofensivo, o medo dá lugar a uma tagarelice onde se misturam o alívio e a excitação e, finalmente, a risadas alegres. Mas esta onda de hilaridade em breve se desvanece; o bando está desanimado, e tem boas razões para isso. No decurso do último mês, tribos mais fortes e mais numerosas obrigaram-nos a abandonar os seus terrenos de caça e a partir em direcção às planícies do oeste, uma região que não conhecem bem e onde os predadores de grande porte são muito mais numerosos do que no território que acabam de deixar. O velho e experiente caçador que os chefiava perdeu a vida há algumas semanas; foi ferido por um tigre-dentes-de-sabre que, a coberto da noite, tentou arrastar para longe uma rapariguita do bando. Num tumulto febril, todos os homens atacaram o tigre com as suas lanças, tendo o chefe à cabeça, e, infelizmente, foi sobre ele que recaiu a violência do ataque da fera. A rapariga já estava morta, e o chefe morreu no dia seguinte em consequência dos ferimentos. O facto de, uma semana depois, o tigre ter também morrido de peritonite causada por um ferimento de lança no abdómen em pouco ou nada beneficiou o pequeno bando de pessoas. Este incluía agora somente cinco homens adultos, sendo os restantes

membros mulheres e crianças, e cinco homens não são suficientes para repelir os ataques dum predador de grande porte. Para mais, o homem que assumiu a chefia do grupo não possui tanta experiência e força muscular como o chefe falecido. Mas os seus olhos são mais vivos e a sua testa mais ampla e um pouco mais arqueada do que a do outro. O grupo desfalcado sofre principalmente da falta de horas de sono. No seu próprio território costumavam dormir à volta dum fogueira, e, além disso, possuíam uma guarda de cuja existência, até agora, não se tinham sequer apercebido. Os chacais que seguiam na pegada da horda humana, alimentando-se dos restos dos animais por ela abatidos, rodeavam o seu acampamento num círculo apertado mal a noite caía. nenhuns sentimentos de amizade uniam os seres humanos aos seus irrequietos seguidores. Todo e qualquer chacal que se atrevesse a aproximar-se demasiado do fogo era saudado por uma chuva de projecteis, e, de tempos a tempos, uma seta era disparada contra eles, embora fosse raro desperdiçar-se um artefacto assim valioso em criaturas tão insignificantes.

Ainda hoje, aos olhos de muita gente, o cão é visto como um animal sujo, em consequência dos seus antepassados pouco recomendáveis. No entanto, os chacais constituíam uma ajuda preciosa para os seres humanos cujo rasto seguiam. Até certo ponto, eles poupavam-lhes o trabalho de montar guarda, uma vez que a algazarra que faziam à aproximação dum predador anunciava com grande antecedência a aparição do atacante.

Estes homens primitivos, descuidados e irreflectidos, não se davam conta da utilidade do seu séquito



de quadrúpedes; mas agora que os chacais não estavam por perto, o estranho silêncio em volta do acampamento era tão sinistro que mesmo aqueles a quem não fora confiada a guarda mal se atreviam a pregar olho. Isto revelava-se extremamente cansativo, dado que o período de vigilância atribuído a cada um fora já aumentado devido ao pequeno número de homens adultos que o bando incluía. De modo que a pequena companhia, cansada, nervosa e completamente desanimada, prosseguia o seu caminho, saltando de susto e agarrando as armas a cada ruído, e agora só muito raramente desatando a rir quando o alarme provava ser falso. À medida que o crepúsculo se aproximava, o pavor da noite começou a pesar intensamente em todos os espíritos. Eles estavam obcecados por esse medo do desconhecido que, gravado desde o fundo dos tempos nas circunvoluções do nosso cérebro, faz ainda hoje da escuridão da noite uma fonte de terror para as crianças, e, para o adulto, um símbolo de todos os males. Isto é uma memória ancestral da época em que os poderes da escuridão, na forma de bestas carnívoras, irrompiam da noite e atacavam os seres humanos. Para os nossos antepassados, a noite devia efectivamente encerrar terrores imensos.

O grupo silencioso de pessoas, cujos membros caminhavam agora mais próximos uns dos outros, começa a procurar um lugar afastado de qualquer maciço de arbustos, onde estarão a salvo dos ataques de predadores. Aí, por meio dum procedimento vagaroso e cansativo, acenderão a fogueira e em seguida assarão e dividirão os magros despojos que lhes sobram. Hoje, o repasto consistirá na carcaça já ligeiramente azeda dum javali, restos da última refeição do tigre-

-dentes-de-sabre, de junto da qual os homens haviam expulsado, não sem uma certa luta, uma pequena hiena. Esta carcaça mutilada dificilmente nos pareceria apetecível, mas os membros do bando lançam olhares esfomeados ao seu chefe, que transporta ele próprio o esqueleto meio devorado de maneira a poupar à tentação alguém menos responsável. Subitamente, o grupo estaca, como que obedecendo a uma ordem imperiosa. Todas as cabeças se viram na direcção da zona que acabam de abandonar, e, como um rebanho de veados surpresos, todos concentram a sua atenção nesse ponto. Eles ouviram um som, o grito dum animal que, estranhamente, não traz consigo qualquer ameaça, ao contrário da maioria dos gritos de animais, pois só os predadores fazem ouvir a sua voz — as presas há muito que aprenderam a permanecer em silêncio. Este chamamento, porém, soa aos ouvidos daquele bando errante como uma mensagem vinda de casa, uma recordação de tempos mais felizes e tranquilos. É o uivo dum chacal. A dado momento, parece que o grupo, na sua impulsividade pueril, quase simiesca, vai retroceder, precipitando-se na direcção da qual provêm os uivos. Singularmente perturbados, ficam imóveis, na expectativa. É então que, subitamente, o jovem chefe da testa alta faz algo de notável, e inexplicável aos olhos dos outros: atira a carcaça do javali ao chão e começa a arrancar-lhe um grande pedaço de pele, a qual traz ainda agarrada alguma carne. Alguns membros mais jovens do bando, pensando que vai ser distribuída uma refeição, aproximam-se; mas, de testa franzida, o chefe repele-os com um grunhido surdo de raiva. Deixando os bocados de carne solta no chão, ele pega no resto da car-